

Do Labirinto da Saudade ao Fio de Ariadne do Instante

Paulo Borges
(Universidade de Lisboa)

Dedicamos esta reflexão em homenagem a um ensaio de Eduardo Lourenço que, desde o primeiro momento em que o lemos, se impôs como um dos mais subtis contributos para uma teoria da dimensão profunda da Saudade, onde o pensamento já se abre à instância poética a que exorta. Referimo-nos a “Tempo e Poesia”, no livro com o mesmo nome, onde se pode dizer que o autor encontra o fio de Ariadne desse Labirinto em que a Saudade se volve quando meramente vivida e pensada em função da experiência psicológica da temporalidade e da feição mental e afectiva de um dado povo, no caso o português.

Eduardo Lourenço inicia o seu percurso reflectindo sobre o “paradoxo do Instante” que jamais principia nem finda, distinguindo-o desse outro, o “banal instante”, que evanesce quando surge. Na verdade, cremos que com este designa o *momento*, do latim *momentum*, *i*, cujo primeiro significado é “movimento”, conforme o verbo latino “movere”¹. Já o “Instante” de que fala, isso onde “deslizamos, estranhamente parados, não *para* a Eternidade, mas *na* Eternidade”, deixando atrás “a espuma do Tempo”, não sendo porém nem a “eternidade” nem o “tempo” que concebemos², não deixa de ser afim ao que Platão, no *Parménides*, designa como o “instantâneo”, ao qual igualmente se refere como essa “natureza de estranha espécie” situada no “entre-dois do movimento e do repouso”, do ser e do não-ser e de todos os opostos, sendo o que permite a passagem e conversão de uns nos outros sem jamais nos seus domínios se circunscrever³. Isto embora Lourenço ontologize o “Instante”, considerando que a sua perda, na representação da “eternidade” e do “tempo”, manifesta o “obscrecimento do nosso parentesco profundo com a Realidade”. “Só o Instante, tradução dessa intimidade com o Ser”, aquém-além do tempo e da eternidade pensados, deteria a “alienação”, a “queda humana” e o “Nada” que constituem⁴.

O centro da reflexão é assim o “Instante”, do latim *instans*, *antis*, participio presente do verbo *instare* ou adjectivo, neste caso com os significados de 1) presente,

¹ Cf. António Gomes Ferreira, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, 1983, pp.737 e 742.

² Cf. Eduardo Lourenço, "Tempo e Poesia", in *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio d'Água, 1987, p.35.

³ Cf. Platão, *Parménides*, 156c – 157b.

⁴ Cf. Eduardo Lourenço, "Tempo e Poesia", in *Tempo e Poesia*, p.35.

próximo, 2) que persegue, ameaçador, iminente, 3) animado, 4) atento. *Instare*, resultante da associação do prefixo *in-* ao verbo *stare*, assume os significados intransitivos de 1) estar de pé ou sobre, erguer-se em, 2) ameaçar, aproximar-se, seguir de perto, perseguir, ir no encalço de, 3) estar iminente, estar sobranceiro, estar suspenso, inclinar-se, 4) trabalhar sem descanso para, aplicar-se a (um trabalho), 5) insistir, pedir com instância, apertar com alguém. Enquanto verbo transitivo significa persistir em, estar em, perseguir⁵. O *instante*, isso que *insta*, parece designar assim algo que se nos manifesta como presença próxima e iminente, em nós erguida como algo que insistentemente nos persegue. O instante advém como o irrecusável que, tal a sombra, nos segue para onde quer que vamos, de nós inseparável.

Disso nos fala o pensador, ao sugerir o “Instante” como o “dia intérmino da presença do homem a si mesmo”, isso que de leve ou excessivo nos toca ou somos, que vê designado como *Sempre* no título do livro de Teixeira de Pascoaes. Contudo, “Instante” ou *Sempre* seriam ainda inadequadas nomeações dessa inominável “árvore da vida” que não conhece a morte do pensamento lógico, tal como o Motor Imóvel de Aristóteles o é desse “coração inaudível de todas as coisas” que para tão longe deslocou da “absurda proximidade dessa presença” que somos na mesma medida em que com ela não coincidimos. Estando em causa designar ou figurar a “experiência sensível da nossa própria inacessibilidade” e o “ardente silêncio onde vamos”, ou seja, isso que *em nós está como o que não está*, pois se furta a todo o estado ou estância, para jogar com a dupla possibilidade do prefixo no que *in-sta*, na *in-stância*, Eduardo Lourenço adverte a possibilidade de, uma vez mais, nos ser mais prestável um poeta do que um filósofo⁶.

Esse poeta é Pascoaes, que na “Saudade” nos ofereceria a “mais sensível figura” da “radical imobilidade da nossa vertiginosa vida” e do “gritante silêncio com que clama absurdamente por si mesma”. Definindo a “Saudade” como “a sensível existência humana, a si mesma inacessível e próxima”, “inacessível porque próxima”, o pensador aponta dois enganos: um, o daqueles “que vêm nela apenas a disposição anímica prevalente da nossa particular existência”, sendo antes apenas “uma atenção aguda ao que ela traduz” que poderia ser imputado à mentalidade portuguesa; outro, maior, o dos que nela “denunciam a mera complacência pelo nosso passado”⁷. Aqui recorre ao mito de Teseu e da sua labiríntica demanda como figura da “circular aventura” humana: esta

⁵ Cf. António Gomes Ferreira, *Dicionário de Latim-Português*, pp.616-617.

⁶ Cf. Eduardo Lourenço, "Tempo e Poesia", in *Tempo e Poesia*, pp.36-37.

⁷ Cf. *Ibid.*, p.37.

“decorre num labirinto” em busca do seu “dono”, que “desde sempre” aí nos espera, impossível porém de tanger se para ele não nos orientam “os fios do amor e da esperança” que são, afinal, o fio da Saudade e do “regresso” que significa à “terra incircunscrita do Instante”. Pela Saudade se vê que os meandros da nossa errância não logram expulsar-nos desse irrecusável que implacavelmente nos persegue porque, mesmo sem o saber, o somos. Pois quem pela Saudade encontramos é o próprio que busca, o qual não está no labirinto porque “o labirinto é a própria busca”, a errância de se buscar o que se é, “antes que a Saudade, de súbito, a faça reverter para o lar da nossa perpétua infância”. Nesta súbita reversão, vê-se o não triunfo do “esquecimento”, descobre-se que o fundo fluido do “Instante onde enraizamos corre imóvel sob o seu reflexo tornado criatura a que chamamos Tempo”. Ou seja, neste *instante* crucial, que se evade de todo o *momento* pois nele se desvela esse “Instante” intemporal e alheio à temporalização que se gera no ocultá-lo, a Saudade é a potência que reintegra a existência obscurecida, cindida e errante na sua intérmina origem. A Saudade é isso que, numa contradição da condição humana que, paradoxalmente, cumpre a sua suprema possibilidade, converte em súbito acesso a latente inacessibilidade do ser a si mesmo, levando-o a ceder à sua própria instância. A Saudade é a instância do Instante, o aceder cedendo a si, o regresso ao sempiterno enraizamento no que é, a metamorfose do limite em limiar de acesso ao sem limite, pois não acaba nem começa. Por isso Eduardo Lourenço a diz manifestar um “re-conhecimento” em que a “segunda vez [...] é a verdadeira primeira vez, terra de nascimento e não túmulo”, recordando a “profunda justiça” com “que Pascoaes lhe chamou *Criação...*”⁸, no *Verbo Escuro*⁹.

A Saudade, enquanto instância do Instante, é o amor e o fio de Ariadne que permite ao Teseu que somos recordar quem é e assim sair do labirinto do buscar-se desconhecendo-se: labirinto que é a própria Saudade enquanto tensão do que se memora e deseja consigo coincidir no seio da própria incoincidência. Desenrolar e seguir esse fio é inverter e absorver os meandros do labirinto. A Saudade, enquanto instância do Instante, é também, simultaneamente, a espada mágica doada pela Ariadne que mais fundo nos habita, a espada da visão que trespassa o Minotauro ao reconhecê-lo como a

⁸ Cf. *Ibid.*

⁹ O autor refere-se à passagem que parcialmente usa como epígrafe do seu texto: “Criação quer dizer – saudade... lembrança, esperança, o que foi, o que há-de ser... fantasmas, sombras...” - Teixeira de Pascoaes, *Verbo Escuro*, in *Verbo Escuro / A Beira (num relâmpago)*, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d., p.34.

monstruosa ignorância de si, a própria ameaçadora, persecutória e voraz instância do Instante antes de reconhecida e consentida como tal. Neste sentido, o trespasse do Minotauro é o trespasse do sujeito constituído pelo ignorar-se. A Saudade cumpre-se morrendo no dar morte ao sujeito que desconhecia ser quem buscava, mas que nesse mesmo lance renasce ou trans-nasce descobrindo-se outro de quem se presumia. A Saudade cumpre-se e morre na morte e trans-nascimento do sujeito que julgava residir plenamente em si antes de ceder ao que em si *in-sta*, ao que em si *está como o que não está*, livre de todo o estado ou estância, despido de todo o modo ou determinação, incriado. A Saudade reintegra-se reintegrando nesse indizível mas experienciável reino de “estranha espécie”, o reino do “instantâneo” que fulgura no “entre-dois” do ser ou não ser isto e aquilo, segundo Platão¹⁰, ou o reino desse vazio aberto “entre coisa e coisa”, o reino dos “entre-seres”, isso que reside “entre / nós e a consciência de nós”, não sendo uma coisa nem outra, no poema inglês de Fernando Pessoa¹¹. Esta morte é, todavia, como diz Eduardo Lourenço, berço e não “túmulo”, “terra de nascimento”¹², re-nascimento ou trans-nascimento no Instante incriado e imperecível que assim emerge como o fundo sem fundo, radicalmente atópico, acrónico e atípico, da existência designada como humana.

A esta experiência, de *um fim que é re-início*, pode chamar-se *iniciação*, isso que, consciente ou inconscientemente, cremos ser o foco da mais funda das aspirações humanas. Não é difícil relacionar a descrição deste “re-conhecimento” saudoso com o tratamento pessoano do mito de Eros e Psique, em que o “Infante” desperta vendo “que ele mesmo era / A Princesa que dormia”¹³, ou com a inversão do mito sebástico, na *Mensagem*, quando se fala de um “Rei” que habita um não-lugar, esperando quem o/se desencubra numa metamorfose da percepção objectivante em coalescência com o que emerge¹⁴. Este reconhecimento de uma instância de si radicalmente anterior à constituição temporal, mundana e objectivante da consciência é um fundamental tema pessoano, bem presente desde a poesia inglesa, por exemplo nos sonetos XXIV e XXXI¹⁵. O sentimento e a saudade desta anterioridade desdobram-se em Pessoa na

¹⁰ Cf. Platão, *Parménides*, 156d – 157b.

¹¹ Cf. Fernando Pessoa, “The King of Gaps”, *Poesia Inglesa*, I, edição e tradução de Luísa Freire, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p.280.

¹² Cf. Eduardo Lourenço, “Tempo e Poesia”, in *Tempo e Poesia*, p.37.

¹³ Cf. Fernando Pessoa, “Eros e Psique”, in *Obras*, I, introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1986, pp.1117-1118.

¹⁴ Cf. *Id.*, “As Ilhas Afortunadas”, *Mensagem*, in *Ibid.*, p.1163.

¹⁵ Cf. *Id.*, “35 Sonnets”, XXIV e XXXI, in *Poesia Inglesa*, I, edição e tradução de Luísa Freire, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp.56 e 70.

experiência de uma incoincidência entre si, ou a identidade convencional que o sujeito se atribui e lhe é atribuída no mundo, e uma dimensão mais funda, inobjectivável e incharacterizável, que *présente* como uma natureza oculta - não de todo perdida pois presente no sentimento da sua própria ausência e acessível em estados diferenciados da consciência - , o que o lança no desassossego de uma insatisfação e inadequação fundamental ao que a vida, o mundo e a própria subjectividade lhe oferecem ¹⁶.

Também em Vergílio Ferreira se encontra muito de afim, no sentir-se essa “presença intemporal, eterna” e absoluta, de si a si, essa incharacterizável e inapreensivelmente evidente estranheza de “alguém que não é ninguém” e somos nós ¹⁷.

O ensaio de Eduardo Lourenço decorre todavia mais sob o signo de Pascoaes e a referência ao re-conhecimento e re-nascimento de si pela Saudade, no *In-stante*, num *trans-ir* para além disto e daquilo, evoca a própria iniciação de Pascoaes à Saudade, descrita no “prólogo” d’*O Bailado* como “a hora em que uma *terceira pessoa*”, para além do “anjo” e do “demónio”, nos vem completar e definir, a hora em que somos *mais alguém*, a hora do segundo nascimento”. E continua: “Para mim foi a hora em que a saudade se me introduziu no coração. E nunca mais me abandonou. Foi numa tarde da minha infância, velha tarde, com os doirados já escuros [...]. Nessa tarde, intimamente deslumbrado não sei por que tristeza, eu apareci na verdade sobre a terra” ¹⁸. Pascoaes fala do advento de um “espectador” do “frenético bailado” da vida, o carnavalesco baile de máscaras da entificação, sendo nesse surgimento que os “poetas”, “no seu canto”, se transfiguram e redimem ¹⁹, absolvendo-se porventura da sua cumplicidade com Deus no “crime da Criação” ²⁰. O acto poético, fundamentalmente demiúrgico e ambivalente em Pascoaes, pode cooperar assim nesse ímpeto irracional do fundo originário que se auto-transgride na instauração de um sujeito e um mundo cindidos, dolorosos e saudosos, e

¹⁶ Cf. Paulo Borges, “Além-Deus e além-Ser: incriado e saudade em Fernando Pessoa”, in *O Jogo do Mundo. Ensaios sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*, Lisboa, Portugal, 2008; “Jenseits von Gott und Jenseits des Seins: Das Unerschaffene und die Sehnsucht bei Fernando Pessoa”, in AAVV, *Kunst, Metaphysik und Mythologie*, organização de Jens Halwassen e Markus Gabriel, com a colaboração de Stephan Zimmermann, Heidelberg, Universitätsverlag, 2008, pp.215-229.

¹⁷ Cf. Vergílio Ferreira, *Invocação ao meu corpo*, Venda Nova, Bertrand, 1994, 3ª edição, pp.66-70.

¹⁸ Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Bailado*, introdução de Alfredo Margarido, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p.13.

¹⁹ Cf. *Ibid.*, pp.11-12. O “espectador” também é designado como “espectro”: *Ibid.*, pp.12 e 88-89.

²⁰ Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Bailado*, p.78.

resgatar-se disso num regresso consciente à indeterminação originária e às suas inesgotáveis possibilidades de manifestação ²¹.

Isto permite-nos regressar ao ensaio de Eduardo Lourenço, que a partir de Pascoaes recorda os versos de Hölderlin celebrados por Heidegger: “Voll Verdienst, / doch dichterisch, wohnt der Mensch auf dieser Erde” (“Pleno de méritos, porém como poeta, habita o homem sobre esta terra”) ²². Como nota Heidegger, a tónica fundamental dos versos é posta no habitar poético do homem, apesar da “limitação” expressa pelos seus “méritos”, que refere às actividades meramente decorrentes desse habitar prévio, como a cultura da terra e a construção de edifícios, fábricas e instrumentos, as quais, pela sua abundância e por se converterem em fins em si, arriscam ofuscar e restringir a poeticidade daquele habitar aos limites da sua eficácia operativa ²³. A poesia é todavia o habitar original e “a potência fundamental da habitação humana”, essa abertura ao imprevisto que faz com que um poeta só autenticamente o seja na medida em que se deixe *transpropriar* por isso mesmo que ama e sustenta o ser do homem, na medida em que se confronte com esse “Desconhecido” e trans-humano que Heidegger, a partir de Hölderlin, designa como “Divindade” ²⁴. Sem parecer dar, mas porventura dando, como veremos, um tal passo no sentido de um fundo sagrado ou divino do poetar, Eduardo Lourenço vê a poesia, a “Criação”, como isso mesmo que somos e que não pode pois ser nomeado senão poeticamente. Essa a “situação humana” revelada pela Saudade e que tão contrastante torna o mundo da experiência e da linguagem poética com o de todas as formas não poéticas de experiência e linguagem, as quais, enquanto “discursos adequados à topologia e cronologia irreal da Realidade que é radicalmente utópica e ucrónica”, ganham tanto mais clareza quanto mais obscurecem, separando, distanciando e alienando o homem de si ²⁵. A Saudade é iniciação súbita a um mundo estranho à espaço-temporalidade e à sua representação discursiva, um mundo onde tudo é simultaneamente compresente. Pela “palavra poética”, que brota dessa “Criação”,

²¹ Para uma leitura de Pascoaes onde aprofundamos esta questão, destacando a sua visão carnavalesca do mundo, cf. Paulo Borges, *Princípio e Manifestação. Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

²² Friedrich Hölderlin, “In lieblicher Bläue blühet...”, *In lieblicher Bläue. Hyperion III. Turmgedichte, Sämtliche Werke, Briefe und Dokumente in zeitlicher Folge*, vol. XII, editado por D. E. Sattler, Munique Luchterhand Literaturverlag, 2004, p.23.

²³ Cf. Martin Heidegger, “...dichterisch wohnt der Mensch...”, *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, Günther Neske, 1954; “...l’homme habite en poète...”, *Essais et Conférences*, traduzido por André Preau e prefaciado por Jean Beaufret, Paris, Gallimard, 1986, p.229. Cf. também pp.228-231.

²⁴ Cf. *Ibid.*, pp.228, 236, 242 e 244-245.

²⁵ Cf. Eduardo Lourenço, “Tempo e Poesia”, in *Tempo e Poesia*, p.38.

irredutível a todo o verbo e obra, enquanto morte e trans-nascimento no Instante imperecível, o mundo não poético das coisas fragmentadas e mortas se transfigura e ressuscita numa “esfera” que, mais do que o homogéneo ser parmenídeo, evoca a uni-multiplicidade resplandecente do “globo” divinamente contemplado na epopsia culminante da camoniana Ilha dos Amores²⁶. Aí se dá o encontro, por mais adiado, “com a plenitude esquecida e inesquecível de nós mesmos”. No “Instante, nossa pátria ilimitada e natural”, “o perdido há muito, o tocado agora, o esperado amanhã”, passado, presente e futuro, coalescem e repousam na irrecusável proximidade que deixa a própria morte de fora²⁷.

Libertação das categorias e princípios da razão lógica, advento do homem a si e em si mesmo, enfim de si contemporâneo no Instante livre dos acidentes do tempo e da história, tudo isso é iluminado quer pelo “*paradoxo*”, quer pela “palavra poética”. O paradoxo “nasce do espanto” desse “acordar sem fim” nos umbrais do Instante, sendo “*por e através*” dele que se constitui a filosofia, que em ideia volta ao avesso o mundo do senso comum, sem todavia dele se libertar ou o dominar em absoluto, pois ainda vive “do que combate” e assim nos destina a uma viagem “sem termo” onde morreremos, como Moisés, à vista da eterna Terra demandada e prometida²⁸. Já a palavra poética, e só ela, “é libertação do mundo”, enquanto “passagem” iniciática e repentina para o Instante onde desde sempre repousamos e que desde sempre nos espera, como o encoberto Rei pessoano. Mais do que meramente “corrigido ou voltado ao avesso”, como na filosofia e seu discurso paradoxal, o “discurso do mundo” é simultaneamente “suspenso” e acelerado ao máximo na poesia autêntica. Ela “é então o forno de queimar o Real” alienado da intimidade poética de onde brota e, nesse lance, a existência humana reflui para o seu latente imo, o próprio Instante. Reduzidos a esse “ponto” único, somos ou descobrimos ser, embora “precariedade”, “esse círculo, ou essa esfera, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma”. Dizer que a “nossa exploração” aí termina²⁹ é dizer que a aventura humana acede poeticamente ao seu cume na experiência, por mais fugaz que seja, de em última instância, no fundo sem fundo onde repousa, coincidir com isso que se diz ser Deus e que não é senão o infinito, segundo a imagem tradicional que hoje se sabe procedente do enigmático *Livro dos*

²⁶ Cf. *Ibid.* Cf. Luís de Camões, *Os Lusíadas*, X, 77-79.

²⁷ Cf. Eduardo Lourenço, “Tempo e Poesia”, in *Tempo e Poesia*, pp.38-39.

²⁸ Cf. *Ibid.*, pp.39-40.

²⁹ Cf. *Ibid.*, pp.40-41.

*XXIV Filósofos*³⁰ e que Pascal aplicou à descrição da vastidão da realidade universal³¹. A máxima “claridade” que ilumina a “nossa existência” advém dessa “luz que a palavra poética concentra misteriosamente” porque, assim parece, já reside nesse imperecível e incondicionado imo do Instante de onde procede. Se essa “luz [...] é impenetrável” é porque não se pode tornar evidente a fonte de toda a evidência. Pois “com que lâmpada exploraríamos o coração do sol?”³².

Encontramos assim, a par, ou como centro, do Eduardo Lourenço ensaísta e crítico, um Eduardo Lourenço místico, pelas vias ainda heterodoxas e laicas da meditação da experiência poética?

Paulo Borges (Lisboa, 1959) é professor de Filosofia na Universidade de Lisboa. Autor de várias obras, entre as quais Línguas de Fogo. Paixão, Morte e Iluminação de Agostinho da Silva (2006), Tempos de Ser Deus. A espiritualidade ecuménica de Agostinho da Silva (2006), A Cada Instante Estamos A Tempo De Nunca Haver Nascido (2008), Princípio e Manifestação. Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes (2008). www.pauloborges.net / serpenteemplumada.blogspot.com

³⁰ Cf. *Le Livre des XXIV Philosophes*, traduzido, editado e anotado por Françoise Hudry, posfácio de Marc Richir, edição bilingue latim-francês, Grenoble, Jerome Millon, 1989, p.93, onde a definição surge como título do capítulo II: “Deus est sphaera infinita cuius centrum est ubique, circumferentia vero nusquam”.

³¹ Cf. Pascal, *Pensées*, 199-72, *Oeuvres Complètes*, Paris, Éditions du Seuil, 1963, p.526.

³² Cf. Eduardo Lourenço, “Tempo e Poesia”, in *Tempo e Poesia*, p.41. Vejam-se muitas convergências entre esta teoria da experiência poética e a que Vergílio Ferreira elabora da arte, também na sua equivalência a uma experiência mística transcendente-imanente e laicizada: “A Arte abre o ilimitado de nós, implanta-nos no absoluto que transcende o real, mas fixa aí esse absoluto numa radical imanência, porque a transcendência que nos abre é imanente a si própria” – *Invocação ao meu corpo*, p.191.”E é aí nesse centro que a obra de arte tem voz. Diáfano meio em que o Absoluto se revela, a intemporalidade é o seu tempo, porque é o tempo da suspensão do instante, ou seja da eternidade. [...] A união mística é isso, mas agora perdeu-se o nome para aquilo a que nos unimos” – *Ibid.*, p.194.